

AFETIVIDADE E EAD: CAMINHOS POSSÍVEIS

Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz¹, Aniele Moraes Souza²

¹Universidade Federal de Lavras/Centro de Educação a Distância, sayormcruz@gmail.com

¹Universidade Federal de Lavras/Centro de Educação a Distância, anielemsouza@gmail.com

Resumo – No presente trabalho, discute-se as implicações da afetividade nas relações de ensino e aprendizagem na Educação a Distância com base nos estudos de Piaget, Vygotsky e Wallon. Essas implicações são investigadas e demonstradas por meio da coleta e análise de depoimentos dos cursistas e tutores que participaram da elaboração de um vídeo e os diálogos acontecidos em um chat buscando identificar como eles percebem a afetividade nos diversos momentos do curso, as interações afetivas existentes entre aluno/tutor, aluno/aluno no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras na modalidade a distância e de que maneira essas relações interferem na aprendizagem. Relacionando as percepções desses cursistas como parte da proposta da disciplina Crescimento e Desenvolvimento da Criança, ocorrida no curso de formação de professores na modalidade a distância, buscam-se suscitar a necessidade de rever as práticas essencialmente cognitivistas e a reflexão sobre a importância do papel do tutor na mediação pedagógica. Com isso busca-se contribuir com uma formação de professores numa abordagem integral, apontado caminhos para romper com a dicotômica relação entre afeto e cognição.

Palavras-chave: Afetividade – Educação a Distância – Formação de Professores-Relação Afeto e Cognição

Abstract – In this paper, we discuss the implications of affectivity in the relationship of teaching and learning in distance education based on the studies of Piaget, Vygotsky, and Wallon. These implications are investigated and differences are shown through the collection and analysis of testimonials from course participants and tutors who participated in the production of a video and the dialogues that took place in a chat seeking to identify how they perceive affectivity in different times of course, affective interactions exist between student / tutor, student / student in this course and how these relationships influence the learning. Relating the perceptions of these teacher students as part of the proposed discipline Growth and Development of Children, held a training course for teachers in the distance, we seek to raise the need to review the essentially cognitive practice and discussion of the importance of affectivity in process of teaching and learning. With this we aim to contribute to training teachers in a comprehensive approach, aimed ways to break the dichotomous relationship between affect and cognition.

Keywords: affectivity - Distance Education - training of teachers regarding affect

and cognition.

1. Afetividade e cognição: discussões teóricas

Em se tratando de Educação a afetividade é um dos temas mais abordados quando discute novas maneiras de ensinar e aprender. Muito se fala da necessidade de se compreender o papel das emoções e dos sentimentos sobre a cognição humana, discussão esta, que desemboca na relação entre cognição e afeto.

Tratamos da afetividade como termo que deriva da palavra afetiva e afeto, designando a qualidade que abrange todos os fenômenos afetivos. A teoria de Wallon no âmbito da psicologia menciona que a afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste, portanto, na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo.

Uma revisão histórica do tema nos remete a pensadores como Platão, Descartes e Kant que já chamavam a atenção para a separação entre razão e emoção, cada um a sua maneira explicitava a relação hierárquica entre pensar e sentir, ocupando a razão uma posição de destaque no processo de conhecer. Segundo ARANTES (2002) longe de terem sido superadas, essa ideia dicotômica entre razão e emoção ainda estão presentes no discurso e na prática educacional. Isso pode ser comprovado quando ouvimos expressões como “deixe o coração de lado e aja com a razão”. Fica a impressão de que, em nome de uma resolução sensata, deve-se desprezar controlar ou anular a dimensão afetiva.

Ainda revisitando o percurso histórico pelo qual perpassa a complexa relação entre afetividade e cognição encontramos reflexos desta visão ambígua na psicologia, na neurociência e outros campos de estudos que se preocupam com o funcionamento do psiquismo humano, que acabaram por gerar pressupostos teóricos metodológicos que ampararam (e ainda amparam) as teorias educacionais voltadas para o crescimento e desenvolvimento da criança. Assim, temos práticas pedagógicas ora focadas nos aspectos cognitivos, ora focadas nos aspectos afetivos, gerando uma escola que desconsidera as especificidades de cada um, que forma cidadãos aptos para reproduzirem conhecimento, sem, contudo serem capazes de refletir sobre os problemas que afetam o seu próprio espaço de vivência.

Pensando na EaD e na evolução das tecnologias de informação e comunicação, onde se insere o presente trabalho, temos um campo repleto de contradições, pois o uso das ferramentas computacionais voltados para a educação tende a transpor para esse novo contexto velhos paradigmas embasados na separação entre razão e emoção.

Contudo, desde o século XIX, alguns pressupostos científicos passaram a buscar novas formas de romper com esse e outros dualismos típicos da nossa

sociedade, buscando novos caminhos de integrar dialeticamente cognição e afetividade, razão e emoção. Entre eles destacaremos nesse estudo as ideias de Piaget, Vygotsky e Wallon, por terem amparado teoricamente a elaboração da disciplina Crescimento e Desenvolvimento da Criança, para um curso de Pedagogia a distância, foco de nossas investigações.

1.1 Piaget , Vygotsky e Wallon: integrando afeto e cognição

Jean Piaget (1896-1980), biólogo e epistemólogo suíço, foi um dos primeiros estudiosos a questionar as teorias que separam cognição e razão. Segundo ele, apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis, indissociadas em todas as ações simbólicas e sensório-motoras. (ARANTES, 2002, p.4).

De acordo com Piaget não existe comportamentos puramente cognitivos, nossas ações e pensamentos são movidos por estruturas mentais, que representam o cognitivo, e por estruturas energéticas, que representam o afetivo. Nesse sentido, a afetividade tem um papel primordial no funcionamento da cognição, funcionando como uma fonte de energia para a inteligência e o pleno funcionamento das estruturas mentais.

Nesta linha de raciocínio temos as emoções comparadas ao combustível da aprendizagem, “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro mas não modifica sua estrutura” (ibidem. p.5). De acordo com essa autora afeto e cognição estabelecem uma relação peculiar e interdependente que influencia diretamente na busca e compreensão dos objetos de interesse.

Dentro da descrição piagetiana de construção de conhecimentos, assimilação e acomodação, temos que:

“Quando discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma que esses processos da adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o interesse em assimilar o objeto ao self (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno.” (ARANTES, 2002. p.5)

Apesar de não termos escritos específicos de Piaget sobre o papel das emoções no processo de construção do conhecimento, essas reflexões sobre os processos de assimilação e acomodação contribuem para problematizar ideias dicotômicas entre afeto e cognição e a partir daí (re)pensar a relação entre sujeito e objeto. Assim, todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos, e as pessoas, ao mesmo tempo em que são objeto de conhecimento, são também de afeto. (ibidem p.5).

Encontramos também críticas sobre o dualismo imposto por estudiosos aos aspectos afetivos e cognitivos, na teoria de Vygotsky ,por ele denominados de

aspectos intelectuais e afetivos-volitivos.

Para esse importante estudioso do pensamento humano, é essencial (re) conhecer a relação entre a dimensão afetiva e a formação do pensamento, considerando a influência genética e a dimensão histórica.

“Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra desnecessária e impotente”. (VYGOTSKY, 1993,p.25)

A teoria de Vygotsky traz a questão da linguagem como um aspecto central e de fundamental importância pois através dela manifestamos não só nossos pensamentos mas também nossas emoções, ou seja, é através dela que as pessoas demonstram a sua percepção sobre si, sobre os outros e sobre o mundo.

Segundo os estudos de Oliveira (1992) sobre a afetividade, para Vygotsky, na linguagem é possível diferenciar significado e sentido: "significado" se refere ao sistema de relações objetivas que se forma no processo de desenvolvimento da palavra e o "sentido" se refere ao significado da palavra para cada pessoa. Neste último, relacionado às experiências individuais, é que residem as vivências afetivas.

Oliveira e Rego (2003, p. 25), amparados nos estudos de Vygotsky nos chamam a atenção para o fato de que a afetividade encontra-se inserida em uma condição histórico-social, ou seja, nossas construções mentais funcionam com base em sentidos e significados construídos historicamente e compartilhados culturalmente.

Todavia, encontramos em Wallon as contribuições mais significativas a cerca do papel das emoções para o desenvolvimento humano e conseqüentemente sua influência nos processos de aprendizagem. Psicólogo, médico e filósofo francês, Wallon trouxe o papel da afetividade para as discussões educacionais, rompendo com visão valorativa das emoções. Em sua teoria, ele apresenta a gênese dos processos psíquicos que constituem a pessoa de forma não fragmentada, buscando compreendê-la do ponto de vista afetivo, cognitivo, motor e das relações que o indivíduo estabelece com o meio (GALVÃO, 2003).

Portanto, inteligência e afetividade estão integradas: a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas. No entanto, o autor admite que, ao longo do desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam a inteligência. (ARANTES, 2002,

p.8).

Desse modo, espaços de aprendizagem que visam a construção de conhecimento significativos devem considerar as vivências e experiências, o repertório cultural e os aspectos subjetivos exterior ao sujeito, relacionando às situações sociais de desenvolvimento em que o mesmo está envolvido.

Visando superar a dicotômica relação entre afeto e cognição, amparados nas discussões aqui apresentadas, buscou-se elaborar uma proposta que permitisse aos cursistas e tutores experienciar essa inter-relação entre conhecimento e sentimentos. Pensando nisso, foram elaboradas atividades que permitissem identificar em que momentos do curso de Pedagogia em EaD é possível perceber a afetividade . E são essas experiências que descrevemos a seguir.

2. Disciplina Crescimento e Desenvolvimento da Criança III - contextualizando a proposta

A disciplina Crescimento e Desenvolvimento da Criança III aconteceu no curso de Pedagogia oferecido pela Universidade Federal de Lavras, no segundo período de 2013, com carga horária de 60 horas, apresentando a seguinte ementa: *“Crescimento e Desenvolvimento físico-motor, social, afetivo, moral, e cognitivo. A relação entre crescimento, desenvolvimento e aprendizagem.”*

Antecedendo a essa proposta aconteceram as disciplinas Crescimento e Desenvolvimento da Criança I e II, que trabalharam a natureza biológica da criança, as funções integrativas dos sistemas fisiológicos na criança e o relacionamento e interação da criança com seu meio ambiente e diferenças individuais. O foco das problematizações foram as perspectivas teóricas sobre o desenvolvimento da criança tendo como base os estudos de Piaget, Vygotsky e Wallon, visando a compreensão do desenvolvimento integral da pessoa.

Muitos cursistas trouxeram para as discussões a constatação de que apesar de muito se falar em novos paradigmas educacionais que buscam a integralização dos domínios afetivo, motor e cognitivo como essenciais para o pleno desenvolvimento humano, ainda vivenciamos uma educação pautada no domínio cognitivo, oferecendo pouca ou nenhuma atenção aos aspectos afetivos.

Isso acontece, muitas vezes, em decorrência de diversos fatores, entre eles podemos listar: pressão do cumprimento dos conteúdos nos prazos programados, falta de condições de trabalho, pouca troca de experiências com colegas, falta de apoio da direção e coordenação, falhas nas formações dos tutores e professores, falta de tempo para elaborar - e constantemente reelaborar - um efetivo planejamento de aula, utilização de métodos engessados que não permitem novas perspectivas, entre outros.

Nesse sentido, ao planejar e elaborar a disciplina Crescimento e

Desenvolvimento da Criança III, nasce a necessidade de um olhar especial para a afetividade na formação humana. Partindo do princípio de que cursos de formação de professores precisam apresentar uma abordagem mais integralizadora dos aspectos afetivos e cognitivos visando à formações de um profissional que contribua para a formação da pessoa completa sensíveis às diferenças individuais, atentos as inúmeras e possibilidades de aprendizagem dos indivíduos.

Nesse contexto, uma das propostas dessa disciplina foi a elaboração de um vídeo investigando a percepção dos cursistas sobre como os aspectos afetivos são tratados no curso, problematizando as questões trazidas com base nos referencias abordados. A proposta era coletar o depoimento de pelo menos três alunos e um tutor de cada cidade polo que engloba as regiões centro e sul de Minas Gerais. Para isso foi elaborado um roteiro pela professora formadora (quadro1) que foi distribuído entre tutores a distância, tutores presenciais e a própria professora que estavam no dia do encontro presencial em cada um dos quatro polos de apoio onde são oferecidos o curso.

Proposta de coleta de depoimentos

Tema: **Afetividade**

Convidar dois alunos de cada turma para responderem as perguntas abaixo, informando que utilizaremos trechos dos depoimentos para montar uma vídeo aula que será usada na disciplina Crescimento e Desenvolvimento da Criança III. Peça para assinar o direito de imagem

Enviar para o CEAD através das tutoras que conduzirão o encontro Presencial (28/9)

Roteiro :

A afetividade é um elemento fundamental na aprendizagem. Na perspectiva genética de Henri Wallon, **inteligência e afetividade** estão integradas.

Pensando nisso como você percebe a afetividade nos momentos presenciais e a distância do nosso curso?

Há possibilidades de interações afetivas entre aluno/tutor, aluno / aluno nesse curso?

De que maneira essas relações interferem na aprendizagem?

Quadro1- roteiro para coleta dos depoimentos dos cursistas e tutores presenciais

O roteiro proposto conduziu os alunos a relacionarem as questões de afetividade e cognição conceituadas durante a disciplina contextualizando com o cotidiano do curso e o ponto de vista dos cursistas, tanto nos momentos presenciais quanto nos virtuais.

Para que a ideia fosse efetivada, foi preciso mobilizar muitos esforços, considerando a distância física e geográfica entre os envolvidos. Contamos com o apoio de diversos membros da equipe multidisciplinar que atuam no curso.

Com aproximadamente 30 dias de antecedência iniciou-se a organização do vídeo, contatando tutores presenciais e a distância, solicitando apoio para comunicar aos alunos sobre a possibilidade da gravação. Preparando documentos

burocráticos, como termo de direitos autorais e reserva de equipamentos para o evento. A logística dos equipamentos e informações foi organizada pela secretaria do curso, que foi essencial para o sucesso desta ação que distribuiu em quatro cidades de Minas Gerais equipamentos suficientes para gravação e armazenamento das informações.

Para cada cidade polo foi encaminhado uma filmadora e o roteiro de gravação, os tutores presenciais escolheram um local adequado para iniciar a gravação e auxiliaram no encaminhamento da conversa, interagindo com os alunos e direcionando a entrevista.

De posse das gravações, a professora formadora fez a transcrição dos depoimentos onde foi possível identificar as categorias, que emergiram das falas dos alunos e tutores, que chamaremos de **eixos de análise**, conforme listados a seguir:

- I. A importância do vínculo afetivo com o tutor
- II. Comparação entre o ensino presencial e virtual
- III. Prevalência da afetividade nos encontro presencial
- IV. Formação da pessoa completa - expressão de sentimentos e laços fora do AVA
- V. Ênfase as dificuldades - tempo e ausência de laços afetivos
- VI. Percepção do processo - Possibilidades de interação e afetividade
- VII. Importância da linguagem utilizada e das escolhas metodológicas de cada disciplina

Quadro2- Eixos de análises

A partir desses eixos os depoimentos foram agrupados e serviram de suporte para as problematizações de uma videoaula com a seguinte ementa:

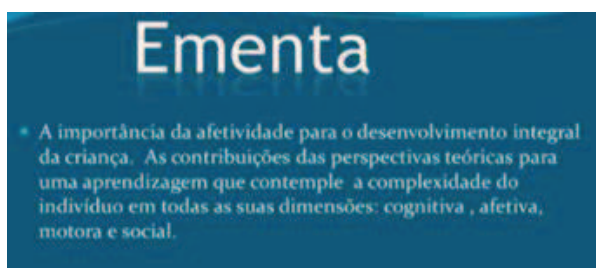


Figura 1 – ementa da videoaula

Os relatos dos alunos e tutores permitiram evidenciar os sentimentos percebidos por eles sobre si próprios, sobre a relação com o grupo e relacionar as situações em que a afetividade se faz presente e ainda identificar alguns dos fatores que dificultam ou impedem que ela aconteça, ou seja, percebida.

Após assistirem ao vídeo, os alunos deveriam acessar uma atividade avaliativa onde utilizou-se a ferramenta *chat* para dialogarem sobre as ideias apresentadas. A seguir discutiremos algumas falas dos alunos buscando identificar

as implicações dos aspectos afetivos no processo de ensino e aprendizagem.

3. Breve resumo dos muitos diálogos possíveis entre o vídeo, o *chat* e o referencial teórico.

Comparando os diálogos ocorridos no *chat* com os eixos de análise foi possível encontrar pistas que podem ajudar a responder a questão central dessa investigação que se refere a identificar os caminhos possíveis para que a afetividade aconteça nos diversos momentos do curso. Portanto em resposta a essa questão confirmamos que os depoimentos dos vídeos e as conversas no *chat* (aqui exemplificadas por trechos extraídos dos depoimentos e do *chat*) se mostraram indutoras para que os alunos expressassem sobre as relações estabelecida entre eles, mostrando também a importância do papel do tutor nesta relação. Nesse sentido, pode-se verificar também o lugar que ocupa a afetividade num processo de formação.

De acordo com o primeiro eixo de análise, **a importância do vínculo afetivo com o tutor**, o papel do tutor na mediação pedagógica é muito importante, retomando o que já foi citado neste trabalho, os alunos identificam o tutor como a pessoa mais próxima da sua relação de aprendizagem, esperam que esse tutor preencha uma lacuna que na maioria das vezes é maior do que os tutores podem e conseguem preencher. Os alunos esperam atenção, motivação e incentivo dos tutores e cobram essas características nos momentos virtuais e presenciais. Nesse sentido, quando o tutor estabelece uma boa relação com a turma, os alunos sentem-se mais acolhidos e seguros facilitando não só as trocas, mas tornando o processo de aprendizagem mais prazeroso. Evidenciamos a presença da relação afetiva e cognitiva nas atividades a distância e presenciais e é isso que se espera como resultado nas relações de ensino e aprendizagem nos cursos a distância.

Ao contrário, quando essa relação afetiva não se estabelece, aparecem sentimentos de insegurança e insatisfação que gera a desmotivação para interagir com a turma e descontentamento na realização das propostas pedagógicas.

Em uma mesma cidade polo identificamos diferentes concepções de afetividade, alguns alunos transmitem em sua fala que a afetividade está presente no curso desde o início tanto nos momentos presenciais, onde conhecem e encontram com colegas e tutores, podendo trocar ideias sobre o curso e sobre assuntos de lazer, quanto nos momentos virtuais onde acontecem as atividades pedagógicas em grupo que para serem realizadas precisam ser discutidas, elaboradas e trabalhadas com os sujeitos do grupo.

Outra estudante menciona que a afetividade no curso a distância é impossível, no máximo consegue a relação de afinidade com alguns colegas, porque com outros mesmo após dois anos de curso, sequer sabe o nome de alguns dos colegas de sua turma:

“após dois anos de curso ainda não conhecemos nossos colegas todos. Muito triste isso.” (trecho extraído do chat – polo A).

Em outro polo, o depoimento de um aluno no vídeo, afirma que além de não localizar afetividade no curso que participa a distância, ainda existem grupos de alunos que são fechados, “panelinhas”, não se permitindo interagir com os outros, fazendo com que gere uma situação de inferioridade para alguns e que os tutores não fazem nada para mudar esse contexto.

Fazendo uma análise da fala acima, identificamos que para reconhecer a afetividade em um ou noutro momento os alunos procuram um sujeito para colocar na situação ativa e geradora de uma situação sem afetividade, não percebendo que o olhar para si próprio identificaria o sujeito dessa relação. Essas questões aparecem refletidas também nos seguintes trechos do *chat* utilizado como ferramenta avaliativa na disciplina Crescimento e Desenvolvimento da Criança:

“As trocas e promoções de afetividade discutidas por Wallon por um processo de construção não tem acontecido como esperávamos.”

“Temos tido muitos problemas. Esperamos muito dos tutores e confiamos neles.”

“Sei que somos capazes de construir nosso conhecimento, mas como estamos discutindo, a afetividade por parte dos novos tutores tem deixado muito a desejar.”

“Mas às vezes a falta de interação de nossos tutores faz com que a afetividade não exista.”

“As vezes ficamos postando os nossos comentários e sinto como aquele aluno que está na sala o dia que o professor falta, nos manda fazer a atividade, mas nunca sabemos se está certo.”

“Sentimos falta de palavras de incentivo e isto é forma de afetividade, não acha?” (trechos extraídos do chat – polo B).

Os alunos esperam que os tutores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem tenham participação ativa no processo como um todo e não apenas participem como meros “avaliadores de atividades”. Em alguns casos os alunos enxergam os tutores como pessoas que só aparecem para penalizar, já que sua presença nos ambientes virtuais e presenciais não altera o processo de aprendizagem. Dessa forma, os estudantes esperam dos tutores além de direcionamento adequado nas atividades acadêmicas, atitudes de incentivo, carinho e atenção.

Os tutores são aqueles com quem os cursistas têm um contato mais direto e contínuo, por isso, são apontados como capazes de promover e motivar a afetividade. Portanto, investir na formação de tutores preparados para exercer o papel de mediadores da construção de conhecimento, acompanhando, incentivando e identificando o potencial e as dificuldades de cada um deve ser uma preocupação

constante na gestão de um curso.

No segundo e terceiro eixo, **Comparação entre o ensino presencial e virtual e Prevalência da afetividade nos encontros presenciais** verificou-se que para alguns a afetividade é vista apenas como demonstração de emoções, vinculada a presença física. No entanto a teoria walloriana diferencia sentimentos de emoções.

“A afetividade é um sistema amplo que aborda as emoções, os sentimentos e a paixão. Afetividade é “[...] um termo genérico que dá qualidade ao que é afetivo, que dá significado ao conjunto de afetos que sentimos em relação a nós mesmos e aos demais, à vida, à natureza, etc.” (ARAÚJO, 2003, p. 156).”

Segundo Alves (2005), para que o outro se sinta pertencente ao grupo, é necessário uma interação acolhedora, estar comprometido com a construção do conhecimento e perceber que o outro que nos auxilia a enxergar, além do que vemos. Dessa forma o grupo todo ficará mais integrado, isso se dá também pela linguagem que se usa, tanto no presencial quanto a distância.

Os estudantes identificam os encontros presenciais, como a afetividade propriamente dita, já que sentem a presença da relação afetiva mais concentrada neste momento, em função do contato que transmite sentimento, calor, presença e trocas. Aproveitam os encontros presenciais para desabafar, solicitar, requerer, para serem vistos e se sentirem pertencendo ao curso e a instituição.

O estar junto de alguém, segundo Valente (2006), não depende somente da questão espacial, visto que está atrelado a emoções e sensações coordenadas pela psique, mas é também o envolvimento e comprometimento que aumenta e melhora muito após o “olho no olho” e o “estar junto fisicamente”.

É importante neste processo dinâmico de aprender pesquisando, utilizar todos os recursos, todas as ferramentas tecnológicas, todas as técnicas possíveis por cada professor, por cada instituição, por cada classe: integrar as dinâmicas tradicionais com as inovadoras, a escrita com o audiovisual, o texto sequencial com o hipertexto, o encontro presencial com o virtual.

O quinto eixo, **Ênfase as dificuldades - tempo e ausência de laços afetivos** aparecem em muitos depoimentos e nos diálogos do *chat*, e envolve diversos aspectos relacionados ao perfil do estudante a distância, ao tempo que cada estudante dedica-se para desenvolver as atividades do curso de graduação, as questões de preconceitos e discriminações diversas inerentes ao convívio em grupo. Outro aspecto relevante que também precisa ser considerado são as diferenças individuais que assim como no presencial interferem na formação de grupos e nos vínculos que se formam durante o curso. Essas dificuldades de lidar com as diferenças são desafios vivenciados não só na EaD, mas também do ensino presencial.

Segundo (Wallon, 1995, p. 135) “A emoção estabelece uma relação imediata dos indivíduos entre si, independentemente de toda relação intelectual.” Essa relação imediata pode se estabelecer por meio das discussões no *chat*, na troca de

mensagens, por videoconferência, pois trata-se de uma tecnologia que permite a comunicação em tempo real (síncrono), observando a plasticidade dos corpos que comunica e provoca sentimentos.

“Sentimos esta afetividade em nosso grupo de trabalho e nos preocupamos um com o outro.”

“A afetividade é inerente ao ser humano e, aliada ao desenvolvimento intelectual do indivíduo, é um dos pressupostos para o aluno se sentir motivado a prosseguir seus estudos na modalidade a distância.” (trecho extraído do chat – polo B).

A afetividade não pode ser desvinculada da dimensão cognitiva, como nos modelos de educação reducionista e dualista. A articulação ocorre em nível biológico, psicológico e social, devendo ser pensada do ponto de vista da formação da pessoa completa (Wallon) considerando os aspectos históricos e sociais (Vygotsky).

O sexto eixo, **Percepção do processo/Possibilidades de interação e afetividade**. O envolvimento dos cursistas com as propostas do curso, buscando se apropriar dos referenciais e participando ativamente das discussões são elementos essenciais para que haja a integração dos aspectos afetivos e cognitivos. Alguns deles percebem a afetividade em diferentes momentos do curso e ainda apontam a integração dos vários campos funcionais citados por Wallon, vejamos o que fica bem exemplificado no depoimento a seguir:

A distância gera certa insegurança, mas no curso de Pedagogia, não sinto que a distância acontece, porque a todo o momento estamos ligados pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem, trocamos experiências, emoções, dúvidas e estabelecemos assim um laço de afetividade. No curso presencial que estudei, não sentia a mesma proximidade que sinto aqui no curso de Pedagogia. A afetividade se dá na maneira em que as atividades são conduzidas, os tutores são atenciosos, sempre mandam mensagens de estímulos para a turma todas as semanas, os professores dividem experiências, trocam informações e estão abertos para esclarecer nossas dúvidas. E nós já formamos uma grande teia de amizade e relações entre os colegas, trocamos dúvidas e angústias abrindo espaços para que um faça parte da vida do outro e junto trabalhamos para a construção do conhecimento no curso, a afetividade é mais importante que a dedicação diária dos alunos no curso, é a possibilidade de saber que existem mais pessoas envolvidas neste processo, que enfrentamos desafios e dificuldades juntos e isso nos motiva e nos dá força para continuar. É visível nos encontros presenciais o crescimento dos nossos colegas, o crescimento é intelectual e pessoal, possibilitando melhoria no ambiente familiar e de trabalho. (Trecho do depoimento coletado no vídeo – polo C)

Esse depoimento de um tutor presencial demonstra uma clara percepção da importância da afetividade e que a mesma é construída no decorrer do processo. O

processo é mais lento do que se espera, iremos mudando aos poucos, tanto no presencial como na educação a distância. Há uma grande desigualdade econômica, de acesso, de maturidade, de autonomia, de motivação das pessoas. Alguns estão prontos para a mudança, outros não. É difícil mudar padrões adquiridos (gerenciais, atitudinais) das organizações, governos, dos profissionais e da sociedade.

É importante ressaltar que ser afetivo não é tratar o aluno com mimos ou envolvê-lo em emoções pessoais, mas sim perceber as inteligências, as diferenças e os potenciais de aprendizado e saber trabalhá-los para que o aluno se sinta acolhido e compreenda que sua participação é relevante na construção do conhecimento do grupo.

O último eixo anunciado, **A importância da linguagem utilizada e das escolhas metodológicas de cada disciplina**, demonstra que as intenções do professor formador são claramente sentidas na realização das atividades. Ao professor são apresentadas diversas possibilidades de ferramentas tecnológicas e várias possibilidades para a apresentação da disciplina, para o desenvolver do processo e a exigência das atividades avaliativas, dessa forma, cabe ao professor identificar a linguagem que mais se aproxima dos seus objetivos e do seu público alvo com bastante afinidade e sabedoria. As escolhas metodológicas feitas na elaboração da disciplina e a linguagem utilizada para comunicar os objetivos e as propostas podem trazer possibilidades, aproximar os sujeitos e integrar os aspectos afetivos aos aspectos cognitivos.

Ficou evidente também que em muitos momentos do curso, assim como afirmado anteriormente, são privilegiados os aspectos cognitivos, dispensado pouca ou nenhuma atenção a influência dos aspectos afetivos para a aquisição de conhecimentos.

“As disciplinas, da maneira como são organizadas não dão espaço para os tutores serem afetivos conosco, concordam?”

“Colegas, um dos grandes desafios da educação a distância: desenvolver a afetividade nas relações para fortalecer o processo de ensino e aprendizado.”

“Isso é muito complicado, porque existem pessoas que são muito soberbas, que se acham melhores do que outras e, daí a necessidade de ter trabalhado a afetividade no início no primeiro dia de curso. Concordam?”

“Pensa bem: quantas pessoas podem ter desistido do curso por achar que uma minoria, que se apresentou como detentores do saber, seriam os únicos capazes de fazer o curso?”

“... tem colegas que se manifestam na plataforma como se estivessem em um tribunal de justiça” (trecho extraído do chat – polo B).

O *chat* é uma ferramenta síncrona e permite o diálogo em tempo real, é importante ressaltar que esta ferramenta aproxima as pessoas, mesmo virtualmente os cursistas se sentem mais próximo dos tutores e da conversa é necessário preparo prévio, planejamento e um bom roteiro, quando o cursista chega ao chat sem preparo fica perdido na conversa e atrapalha o grupo no desenvolvimento da atividade. Os cursistas aproveitam essa troca em tempo real para descontrair e desabafar sobre seus sentimentos pessoais, sobre as suas impressões referente ao conteúdo da disciplina e sobre seu posicionamento crítico em relações as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem.

Já outras tecnologias de informação e comunicação utilizadas na Educação a Distância oferecem menos espaço para que se deem essas relações imediatas, entretanto, dependendo da maneira como são planejadas podem também contribuir para conciliar o desenvolvimento afetivo e cognitivo. Cabe ao professor, auxiliado pela equipe pedagógica do curso (re) pensar as escolhas metodológicas, conhecer as potencialidades das ferramentas e programar as mudanças necessárias ao sucesso de uma disciplina.

O que muda no papel do professor? Muda a relação de espaço, tempo, a linguagem, o discurso, a preocupação com uma dimensão geográfica diferente e a comunicação com os alunos. O espaço de trocas aumenta da sala de aula para o virtual. O tempo de enviar ou receber informações se amplia para qualquer dia da semana, qualquer hora do dia e qualquer local que o indivíduo possa estar. O processo de comunicação se dá na sala de aula, na internet, no e-mail, no chat, nos fóruns e nas atividades em grupo. É um papel que combina alguns momentos do professor convencional - às vezes é importante dar uma bela aula expositiva - com mais momentos de gerente de pesquisa, de estimulador de busca, de coordenador dos resultados. É um papel de animação e coordenação muito mais flexível e constante, que exige muita atenção, sensibilidade, tempo e dedicação.

Conclusão

A questão geradora de todo esse processo de investigação era identificar a presença da afetividade nos momentos deste curso de formação de professores. Após ter planejado e (re) planejado o conjunto de atividades que constituíram a disciplina Crescimento e Desenvolvimento da Criança no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras podemos afirmar que a afetividade se fez presente em todos os momentos desta disciplina, tanto os virtuais quanto os presenciais, tanto os que antecederam quanto os que estavam na iminência de acontecer e principalmente nos momentos em que a disciplina estava em curso.

Com base na experiência realizada e nos estudos teóricos sobre a integração dos aspectos afetivos e cognitivos em Piaget, Vygotsky e Wallon nos permitem indicar alguns pressupostos, ainda que iniciais para que a afetividade possa estar presente nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Primeiramente é preciso, considerar que a afetividade é um elemento

fundamental na aprendizagem. Na perspectiva genética de Henri Wallon, inteligência e afetividade estão integradas. Ainda que uma teoria priorize um aspecto em detrimento do outro, inteligência não explica pela afetividade e afetividade não se explica pela inteligência. Romper com a dicotomia entre afeto e cognição pressupõe reconhecer que cada aspecto tem o seu papel no desenvolvimento humano.

Ao ler e analisar os depoimentos dos alunos e tutores coletados para o vídeo e diálogos no *chat*, pode-se afirmar que é preciso dar voz e vez aos cursistas elaborando atividades que permitam com que eles expressem seus sentimentos, suas percepções, ansiedades e dificuldades, utilizando uma linguagem que os aproxime com o curso e com a disciplina, para que todos se sintam pertencentes a este processo de aprendizagem. E não basta apenas “ouvir”, o *feedback* atento e em tempo por parte dos tutores é essencial para gerar um clima de confiança e interação.

A afetividade que predominou no desenvolvimento dessa disciplina foi fruto de um cuidado muito especial no planejamento, nas escolhas das ferramentas e das estratégias gerando aprendizagens significativas. Isso só foi possível graças ao trabalho colaborativo desenvolvido pela professora formadora junto a equipe multidisciplinar, principalmente o engajamento da secretaria do curso e dos tutores que colaboraram diretamente na concretização das ações. E isso pode ser confirmado na avaliação da disciplina, nos relatos dos alunos nas atividades posteriores.

Ao compartilhar essa experiência buscamos despertar a reflexão sobre o tema e suscitar a necessidade de rever as práticas essencialmente cognitivistas, destacando o importante papel do tutor como mediador, a necessidade de investir na formação continuada dos profissionais que lidam com pessoas interligadas pelas tecnologias, a importância da linguagem adequada e das escolhas metodológicas que privilegiem a colaboração e interação entre os sujeitos.

Enfim, visamos contribuir com uma formação de professores numa abordagem integral, rompendo com a dicotômica relação entre afeto e cognição. Comparando as falas agrupadas nos eixos de análise, percebemos que há pontos de vista diferentes para o mesmo processo. Ou seja, é preciso nos perguntar, porque algumas pessoas sentem e expressam seus sentimentos e outras não. O que faz com que os alunos tenham percepções tão diferentes sobre os aspectos afetivos envolvidos no curso?

Encontrar respostas a estas questões implica em estudo, reflexão e desconstrução, levando-nos a concluir que ainda temos muitos desafios a vencer se quisermos formar profissionais comprometidos com o desenvolvimento integral da pessoa humana. O ambiente virtual oferece vários canais que conduzem ao diálogo, mas que precisam ser planejados e pensados para que alcance esse fim. Um dos principais aspectos que necessitam de aprofundamento e reflexão é o envolvimento dos professores e tutores com o curso e com os cursistas. Envolver significa doar-se e abrir-se para receber, quando nos envolvemos corremos o risco de nos

emocionar. E partindo do princípio de que as emoções funcionam como combustíveis da aprendizagem os relatos aqui apresentados demonstram que, emoções foram despertadas e a afetividade tornou-se parte do processo de todos nós envolvidos nesta experiência.

Referências

- ALVES, A.C.T.P. A Experiência Real Influenciando a Mediação Virtual. PUC – Mestrado em Educação: Currículo, 2005.
- ARANTES, Valéria Amorim. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. In: SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget, São Paulo: Summus Editorial, 2003. p. 35-52.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALVÃO, Izabel. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon. In: ARANTES, Valéria Amorim (org). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.
- ARAÚJO, Ulisses F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação de valores. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.
- OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, Valéria Amorim (org). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.
- VYGOTSKY, L. S. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- WALLON, Henry. Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil. Petrópolis, RJ; Vozes, 1995.